

VISLUMBRES

José Augusto Gomide Marta e Silva

2015

Apresentação

Essa coletânea de textos, criados na disciplina de Escrita Criativa do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, contém contos, micro contos, um poema e um roteiro.

O primeiro conto, A empregada foi baseado no quadro Apartment Houses, de Edward Hopper. Em seguida, o conto O sono dos justicados seguiu a temática da vingança como em O barril de amontilhado, de Edgar Allan Poe. O sexo dos anjos é um conto com temática sexual e usando a técnica do impossível crível. Olhos azuis segue as ideias de Roberto Piglia acerca de contos que apresentam um relato dentro de um relato. A batina do Padre tem um final surpreendente, enquanto Aperto é inspirado nos medos mais íntimos do autor. Diálogo Implícito é um conto formado só por diálogos e que trabalha os conceitos de condensação e força. Micro contos suicidas é uma mini coletânea de seis micro contos com a mesma temática. O fundo do mar é um poema feito coletivamente, usando a técnica dos surrealistas, cadáver delicado.

Por fim, Remember, remeber, one day in December, é um roteiro de curta metragem inspirado pelos escritos de Lovecraft acerca de narrativas alienígenas.

Todos esses escritos foram inspirados pela leitura de contos de Edgar Allan Poe, Ernest Hemingway, Júlio Cortazar, Rubem Fonseca, Caio Fernando Abreu, Tim Burton, Veronica Stigger, entre outros; e também pelo estudo de textos teóricos de Ricardo Piglia, Ítalo Calvino, Júlio Cortazar, Linda Seger, James Wood, Victor Chklovski, Nelson de Oliveira, entre outros.

Gutto Gomide

Sumário

A empregada.....	4
O sono dos justicados	6
O sexo dos anjos.....	8
Olhos azuis	10
A batina do Padre	13
Aperto.....	15
Diálogo implícito.....	18
Micro contos suicidas	20
O fundo do mar.....	21

A EMPREGADA

Todas as tardes, quando chego do trabalho, coloco minha pasta numa cadeira debaixo de uma janela na sala de estar do meu apartamento. Tiro o casaco, a gravata e os coloco em cima da mesma cadeira. Enquanto faço isso, observo o lado de fora do meu apartamento que fica no sétimo andar de um prédio velho no centro da cidade. Da janela, posso ver a sala de estar do apartamento do sexto andar do outro prédio. Religiosamente, todos os dias, uma empregada doméstica passa roupas na sala de estar.

Numa tarde de maio, enquanto eu a observava, um botão despregou-se de uma camisa e caiu no chão. Ela se inclinou para pegá-lo e eu pude ver o vã entre seus seios redondos descobertos pelo decote do uniforme. Outro dia, o gato da casa brincava com suas pernas enquanto ela trabalhava. O gato acabou desfiando sua meia. Ela se sentou na poltrona do canto da sala perto da janela e tirou a meia. Observei todo o processo e fiquei hipnotizado pela brancura de sua pele e aquela nudez íntima que eu não tinha o direito de vislumbrar.

Ao decorrer dos dias fui flagrando outras intimidades. O cabelo solto num dia, os braços desnudos no outro. Um dia ela foi fechar as cortinas, pois chovia e alguns pingos deveriam estar caindo dentro da sala. Ela me pegou observando-a avidamente. Me assustei com aqueles olhos azuis severos me condenando e me escondi. Mas o mal já havia sido feito. Nos dias seguintes quando eu a observava, ela sentia minha presença e dissimulava, fingindo que não notava e me seduzia de todas as formas possíveis. A cada dia ela me mostrava mais um pedaço de sua carne e interpretava acidentes no qual acabava me revelando mais e mais do seu corpo, em poses e situações que eu sabia não serem normais ou corriqueiras.

Aquela mulher estava me deixando louco. Não era uma beldade. Um pouco gorda, com mais de 40 anos provavelmente. Mas ela me provocava e eu me deixava ser provocado. Tinha sonhos com ela, me tocava olhando-a pela janela e não conseguia concentrar em mais nada, pois o desejo corroía meu corpo e mente.

Alguns meses depois, ela passava um lençol branco distraidamente e pela primeira vez em semanas ela não se deu conta de minha presença. De repente, ela se assustou com a presença de alguém na sala e largou o que estava fazendo. Um homem surgiu, mas não pude ver o seu rosto. Ele a pegou nos braços fortes, a jogou na poltrona e mesmo com as tentativas dela de se soltar, os gritos e empurrões, ele abriu caminho pelas roupas e forçou o seu membro por entre as coxas da mulher. Quando se satisfez, fechou a braguilha e foi embora,

deixando-a desconjuntada na poltrona. Ela chorava descontroladamente. Saí da janela perturbado. Eu era um voyeur ou o cúmplice de um crime?

Naquela noite não dormi bem. Na tarde seguinte a vi afiando uma faca sentada no sofá. Quando acabou, escondeu a faca e continuou sentada esperando. Algumas horas depois, o homem chegou e novamente pulou em cima da mulher e começou a forçá-la a fazer o que ele queria. Antes que ele conseguisse terminar o que começara, a mulher pegou a faca de seu esconderijo e esfaqueou as costas do homem violentamente umas doze vezes. Quando acabou, o corpo estava caído no chão e ela estava chorando convulsivamente.

Ela andava de um lado para o outro com uma mão na boca e a outra ainda com a arma do crime. Pegou o lençol branco e cobriu o corpo do homem, saindo da sala em seguida. Não vi mais nada. Esperei uns vinte minutos e decidi ir ao apartamento. Desci as escadas do meu prédio, atravessei a rua, subi as escadas do outro prédio e fui direto para o apartamento do assassinato. Bati à porta e ninguém atendeu. Abri e entrei no apartamento silencioso. Andei por alguns cômodos e fui direto para a sala de estar. Quando cheguei, me aproximei do corpo no chão e me inclinei.

Quando puxei o pano, fiquei espantado ao perceber que o corpo estirado no chão e empapado de sangue era o meu.

O SONO DOS JUSTIÇADOS

Já faz cinco anos que meu filhinho de sete anos foi assassinado. Já faz três anos que eu e minha esposa nos separamos. Já faz trinta dias que o assassino do meu filho voltou para o bairro. A defesa alegara que foi um acidente. Ele saiu impune. Por que, então, ficou tanto tempo longe? Por que deixou a mãe idosa sozinha por tantos anos? Acidente é a minha bunda. Esse cara é um assassino e precisa ser punido.

Desde o dia em que o encontrei na padaria minhas noites de sono se tornaram um pesadelo. Toda a dor que já havia superado com anos de Zoloft e terapia estava de volta, mais intensa, mais presente. Uma mão invisível apertava meu peito impedindo a respiração. Me sentia encurralado, sufocado, exaurido, vulnerável. Foi assim que decidi vigiá-lo. Ele saiu de casa com a moto, foi ao posto, foi à drogaria e voltou. Eu o segui de carro. Não me fez bem. Era aquela moto que havia me tirado o meu filhinho? Ou ele comprara outra? Se foi isso, com que dinheiro? Uma enxurrada de sentimentos e pensamentos negativos tomou conta de mim.

No dia seguinte decidi não pensar no indivíduo. Fui ao trabalho. Voltei do trabalho. Mas à noite um comichão tomou meu corpo. O que será que ele está fazendo agora? Onde estará? Na rua? Em casa? Jantando? Dormindo? Gozando? Minha mente trabalhava a mil e meu corpo começava a sentir os efeitos. As olheiras que abandonaram meu rosto há um ano estavam de volta. A magreza cadavérica estava evidente.

Levantei do sofá, peguei meu casaco, as chaves do carro e parti para minha missão. Vigiar o filho da puta que matou meu filho. Parei o carro na esquina da casa dele e fiquei umas duas horas bem quieto, na escuridão, esperando. Às dez horas da noite, ele saiu de casa. Um capuz tampando o rosto, as mãos nos bolsos da calça. O segui bem devagar. Ele se encontrou com uns moleques de rua numa esquina e ficaram rindo e fumando durante um bom tempo. Isso mesmo desgraçado, ria, ria muito, ria mais. Comecei a chorar. Se existe um Deus porque ele deixa esse tipo de coisa acontecer? Por que deixa uma pessoa dessa solta por aí? Não aguentei. Fui para casa sem esperar para ver o que o rapaz faria. Precisava de um calmante e uma boa noite de sono. E foi o que fiz.

Acordei depois do meio dia. O calmante fizera o efeito desejado. Acordei relaxado, descansado. Cheguei no trabalho e recebi um tapa na cara. Meu chefe disse que pensou que eu não iria naquele dia e que estava bem, ele entendia, era um dia difícil. Com a perseguição ao assassino do meu filho eu acabei esquecendo que era o aniversário da tragédia naquele dia. Fui para casa e fiquei o resto da tarde pensando.

À noite parei o carro na esquina de sempre e esperei ele sair. Levei um susto quando o reconheci passando no lado do meu carro na calçada indo para casa. Ele atravessou a rua na frente do meu carro e eu não resisti. Eu acelerei. O baque surdo fez meu coração disparar. Saí do carro preocupado e vi que o cara estava desmaiado e com um corte na testa. Olhei para os lados, rua vazia e silenciosa, olhei para ele, indefeso. O peguei pelos braços e joguei no porta malas do carro.

Cheguei em casa eufórico e amarrei o jovem numa cadeira no meu porão. O amordacei e o deixei lá. Fui para o meu quarto e adormeci tranquilamente, como um bebê.

Acordei como uma criança na manhã de Natal. Desci as escadas do porão e o encontrei acordado e assustado. Um semblante de compreensão e resignação tomou conta dele quando me reconheceu. Sem falar nada, comecei a socá-lo. Rosto, barriga, tórax, caralho. Bati naquele rosto até não reconhecê-lo mais. Ele caiu no chão vulnerável e meus pés se sentiram atraídos por aquela carne macia estirada na sua frente. Ele gemia, tentava gritar, tudo abafado. Meu corpo sentia uma onda de vigor e excitação que há anos não sentia. Parei só quando cansei. Ele não fazia mais nenhum som. Peguei aquele corpo sangrento e o larguei num beco próximo de um hospital. Voltei para casa, limpei tudo, me lavei. Deitei e dormi o sono dos justos.

Fui ao hospital no dia seguinte e descobri que ele havia morrido. Espancado, disse um enfermeiro. Briga de gangues, disse outro. Dívida de drogas disse uma mulher. Só eu sabia a verdade. Voltei para o carro. Me sentia a pior pessoa do mundo. Sem chão, sem fôlego, sem vida. Pensei que se me vingasse, se fizesse justiça com minhas mãos, aquele peso nas costas, aquela mão no peito cessariam. Mas não foi isso que aconteceu. Tudo piorou. Eu estava no fundo do poço e nada poderia me tirar.

Algumas semanas depois fiquei sabendo que uma menina da rua em que moro havia sido estuprada e que o cara havia saído impune. Descobri quem era o cara, qual era o seu endereço e de noite parei o carro na esquina da sua casa e esperei.

O SEXO DOS ANJOS

Cecília, Rainha de Tréveros, estava cansada do sexo com seu marido, o glutão Rei Guilherme III. O rei era um gordo suado que não gostava de tomar banho. Vinte anos a mais do que a rainha, o rei era sedento de sexo. Todas as criadas do castelo já haviam sido levadas para a cama pelo rei. No reino existiam dezenas de bastardos do rei espalhados por todos os cantos. Mas não era isso que incomodava Cecília. O problema é que o Rei era rápido. Mal a penetrava e o gozo era quase instantâneo. Era frustrante para ela.

Cecília viera para o reino com 17 anos e, em 15 anos de casamento, nunca deitara com outro homem a não ser o rei. Também nunca engravidara, o que fazia o rei ser violento com ela e o casamento dos dois ser mais frustrante do que o sexo. Provavelmente o rei não gostava de transar com ela. Mas aparecia no quarto todas as noites. E depois ia embora. O pênis pequeno e torto do rei dava repulsa à jovem rainha que via seus tempos férteis escoando com o passar ligeiro dos anos. Com o tempo, a garota jovem e espirituosa se tornara uma mulher amarga e mal humorada.

Em uma noite, após o rei ir embora, Cecília ficou suja e imóvel na cama aos prantos, quando viu uma sombra passar pela sua janela. Ao sair da sacada levou um susto imenso. Um dragão vermelho enorme sobrevoava o castelo. Apesar de amedrontada, Cecília não correu. Ficou hipnotizada pelo brilho das escamas do bicho, pelo fogo que jorrava de suas ventas e pelas asas quilométricas que provocava ventos ruidosos. O bicho foi se aproximando de Cecília e pousou na sacada imensa do castelo. Fechou as asas, se abraçando com elas e se escondendo em seu interior. Sem saber o porquê, Cecília tocou na asa. Um homem loiro, alto, atlético, de olhos claros e músculos tonificados saiu de dentro das asas.

O dragão sumira. No seu lugar estava um homem belo e vigoroso. Ele pegou Cecília nos braços fortes e levou-a até a cama. Beijou seus lábios avidamente, percorreu a pele da mulher com dedos ágeis e passou a língua em pontos que Cecília nem sabia que existiam. O homem-dragão era experiente e generoso, excitou a rainha de todas as formas possíveis. Pela primeira vez na vida, a Rainha mal amada teve um orgasmo. Gozou quando ele inseriu os dedos em sua vagina, gozou quando ele estimulou seu clitóris com a língua e gozou mais uma, duas, três vezes quando ele a penetrou. O homem era insaciável e a rainha se descobriu insaciável também. Ele a penetrou em várias posições. Deixou-a no controle dos movimentos e disse palavras sujas. Ela chupou o membro rijo do homem e ele gozou em sua boca. No fim estavam extasiados e cansados.

A Rainha adormeceu nos braços do homem-dragão, mas na manhã seguinte estava sozinha na cama. Ela se levantou, tomou um banho, cantarolou, conversou com as empregadas, foi carinhosa com o Rei, preparou uma festa, deu comida aos pobres e obrigou que o Conselho real construísse um orfanato.

De noite, depois do rei ir embora do quarto da rainha, o homem-dragão voltou e isso se repetiu nove noites seguidas. A rainha floresceu, começou a ser amada pelos súditos e fazer coisas maravilhosas no reino. Sentiu falta do homem-dragão que não apareceu mais, mas estava com a agenda tão atribulada que não sofreu muito. Um dia descobriu que estava grávida. Apavorada, resolveu guardar segredo e dizer que o filho era do Rei. Conseguiu que o Rei não fosse mais aos seus aposentos por conta da gravidez. A lembrança do homem-dragão e dos nove dias de sexo selvagem foi o suficiente para satisfazê-la meses sem fim. Imaginar-se na cama com o Rei era pavoroso e horripilante. Não seria capaz de fazer isso nunca mais. A rainha amou cada momento da gravidez e foi grata pelo homem que a engravidou.

No dia do parto, o medo tomou conta. Achava que o filho nasceria com asas, rabo ou cuspidor de fogo. Nada disso aconteceu. Um lindo menino gordo e loiro nasceu. Infelizmente, o rei não era loiro e acusou a Rainha de ser infiel. Ela foi presa e torturada até confessar que o filho era de um homem-dragão. O mito da rainha louca se espalhou. O povo ficou contra a Rainha infiel. E um dia a cabeça foi separada do corpo da Rainha Cecília às ordens do Rei Guilherme III.

Dezenove anos depois, um dragão surgiu na sacada do quarto do Príncipe Gabriel numa noite de verão. O dragão se transformou num homem loiro, alto e vigoroso que tomou o rapaz nos braços e o levou para a cama, o fazendo gozar de todas as formas possíveis, em todas as posições imagináveis.

OLHOS AZUIS

Eu caminhava na noite escura sozinha, indo em direção à um barracão abandonado. Abri a porta e entrei. Vi uma luz num corredor. Me encaminhei até ela. Meus saltos batiam no piso com o compasso das batidas do meu coração. Uma sincronia bizarra e assustadora. Entrei na sala iluminada e encontrei os sete homens que planejavam a invasão ao prédio. Eu era a única mulher do grupo e meu papel era fundamental. Um rapaz alto e magro de cabelos escuros, outro rapaz aparentemente da mesma idade com cabelos loiros, outro de olhos azuis, um gordinho de óculos, um homem parrudo de mais ou menos quarenta anos, outro muito alto que parecia ter uns trinta anos e mais um de cabelos grisalhos que deveria estar com uns cinquenta anos de idade. Ele era o chefe do bando. Eu me sentia como na infância, onde era a única menina da casa e tinha cinco irmãos mais velhos. Talvez por isso, me sentia segura naquele grupo.

O homem muito alto pegou duas malas muito grandes e colocou sobre a mesa. O rapaz de olhos azuis segurou um arquejo. O de cabelos loiros não se aguentava de excitação. O homem muito alto abriu as malas e revelou um arsenal bélico de primeira linha. Metralhadoras, fuzis e automáticas cobreadas nunca usadas antes. Eu não sabia usar nenhuma delas, mas sentia que isso não seria um problema.

Nos dias seguintes o plano foi repassado diversas vezes. O homem grisalho era como um pai, preocupado, mas firme no que dizia, atencioso, mas disciplinador. Um perfeccionista. Eu sentia que todos ali eram perfeccionistas. Fui treinada para usar uma das metralhadoras e tentei ser o mais perfeita e profissional possível. Foi um final de semana intenso de treinos nos mais diversos estilos de luta. Meus músculos reclamavam, mas minha mente estava clara e certa do que precisava ser feito.

Na noite antes do ataque o rapaz de olhos azuis me ofereceu um drinque para relaxar e conversamos durante horas. Rimos, brincamos, paqueramos. Há muito tempo não sentia uma química e uma atração tão fortes por um homem. Antes de dormirmos ele me deu um beijo demorado.

Na manhã seguinte estava chovendo. Nos vestimos todos de preto e colocamos touca preta de lã e óculos escuros. Carregamos o furgão com as armas e partimos para o centro da cidade. Um clima de tensão pairava entre nós e nenhuma palavra foi dita no caminho percorrido. Chegamos ao local marcado e começamos o ataque. O prédio estava relativamente

vazio naquela manhã. Esperávamos encontrar somente seguranças e agentes armados até os dentes.

Sáimos todos do furgão com armas em punho e invadimos o prédio. Foi fácil render o porteiro no saguão e nos dirigirmos ao primeiro andar. Precisávamos chegar ao sétimo andar e o elevador não era a melhor das opções. Nos separamos e cada um teve que enfrentar um punhado de agentes armados até conseguirmos avançar um andar por vez.

Nos encontramos no terceiro andar, suados, ofegantes e três de nós estavam com ferimentos de balas. O terceiro andar era um saguão espaçoso de mármore branco com pilastras enormes. Um grupo de mais ou menos vinte homens começou a atirar em nós enquanto retrucávamos e tentávamos atravessar o saguão. Pedacos do mármore das pilastras voavam por todos os lados. Estilhaços do piso subiam como num campo de batalha. E avançamos sem medo no meio dos tiros, atirando com mais ímpeto e deixando um rastro de cartuchos vazios para trás.

Minhas pernas bambearam quando a cabeça do gordinho de óculos explodiu na minha frente. A realidade da missão suicida tomou a minha mente. Mas com mais cinco tiros, acabamos exterminando todos os inimigos. Um sinal de incêndio começou a soar por todo o prédio e esguichos de água saíram do teto. Nosso chefe gritava para continuarmos. Estávamos no sexto andar quando nos deparamos com um salão cheio de estantes de livros. Um outro grupo de mais de trinta homens começou a nos atacar. Os tiros ensurdecadores zuniam por nossos ouvidos, mas não parávamos de avançar. Os livros das estantes estavam sendo destruídos e pedaços de papel bailavam no ar.

Levei um tiro na perna e vários de nós foram atingidos. Alguns morreram, outros foram imobilizados. Só sobramos eu e o rapaz de olhos azuis ao chegarmos no sétimo andar e no nosso objetivo. Era um corredor com sete portas. Cinco delas estavam trancadas. O rapaz de olhos azuis segurou minha mão e apertou, abriu uma das portas e entrou. Eu entrei na outra. Era um quarto branco com uma cama de hospital no centro e uma mulher deitada. A reconheci imediatamente.

*

Ela acordou do coma no fim da tarde daquele dia de maio. As enfermeiras e os médicos estavam extasiados. Dos sete envolvidos naquele acidente de trânsito cinco haviam morrido e um homem e uma mulher haviam acordado do coma naquele dia. Era um sentimento estranho, mas todos que trabalharam arduamente com as vítimas do acidente naquelas últimas semanas estavam aliviados de terem salvo pelo menos duas pessoas.

Ela se levantou alguns dias depois e passou pelos corredores do hospital. Passou na frente de um quarto e viu um homem lá dentro. Ela tinha certeza de que já havia visto aqueles olhos azuis em algum lugar. Com uma confiança nunca sentida antes, ela abriu a porta e entrou.

-Eu sonhei com você enquanto estava em coma- disse ela num fôlego só.

De início ele se espantou. Mas pouco a pouco sua expressão se anuviou e ele sussurrou:

-Eu também.

A BATINA DO PADRE

O Pe. Romero acordou, tomou um banho, se vestiu, tomou café e foi para o banco. Sua congregação era uma das poucas que ainda permitia que os padres andassem paramentados nas ruas. E Romero gostava disso. A batina preta lhe dava um ar de austeridade e solenidade impecáveis. Mas ser um padre beneditino ia muito além da batina preta e dos rituais litúrgicos milenares que já faziam parte de sua personalidade. Era necessário também ser fiel aos votos de pobreza, obediência e castidade. Para Romero tudo fluía com tranquilidade, nunca se sentia sacrificando algo ou limitado e sufocado pelas regras da congregação. Ele se adaptava perfeitamente a esses aspectos como um sapato velho confortável ao pé.

Nessa manhã de segunda feira, Pe. Romero precisava resolver algumas questões com sua agente no banco. Ela o recepcionou sorridente já acostumada com o cliente. Pe. Romero adorava ver as reações das pessoas a sua vestimenta e sempre tentava conter um sorriso de piada interna. Mas sua agente no banco nunca se sentira ameaçada, surpresa ou desconfortável por isso. Nas ruas todo mundo olhava, mas Pe. Romero não se importava.

Enquanto era atendido pela gerente, o banco foi assaltado. O típico estar na hora errada e no lugar errado. Os bandidos entraram abruptamente e com estardalhaço começaram a apontar armas, ameaçar pessoas e falar palavrões. Cada palavrão era uma punhalada no peito de Pe Romero. Conservador e pudico, Pe. Romero vivia numa redoma de vidro, se isolando dos aspectos sociais e mais feios da sociedade. Nesse caso, sua batina servia como um escudo, uma capa, uma máscara, uma armadura, uma fantasia.

Nesse dia, sua batina foi um farol, um diamante brilhando no meio dos cacos de vidro, uma placa luminosa de motel. Assim, que avistou o padre, o chefe da quadrilha teve uma ideia miraculosa e sentiu que Deus ouviu suas preces. Dirigiu-se até o padre que estava confiante, pois sua batina sempre espantara tipos dessa laia. Mas se surpreendeu quando o marginal o agarrou pela nuca e o arrastou. Tinha se transformado num refém de um assalto a banco.

As pessoas estavam apavoradas. Se aquele cara podia ameaçar um padre então ninguém estava seguro. Choros, gritos e violência transformaram o recinto num caos. Os bandidos fizeram alguns funcionários lhe entregarem o dinheiro, os seguranças do banco estavam rendidos e a maioria dos clientes deitados de bruços no chão. O padre sentia dor no pescoço enquanto era arrastado para todos os lados. Tentou racionalizar, manipular, controlar os bandidos usando sua lábia e destreza com as palavras. Usam palavras fortes da Bíblia,

pregando perdão, punição e arrependimento. De nada adiantou. Levou uma bofetada e se calou.

Sirenes da polícia eram ouvidas se aproximando, quando os bandidos saíram, empurraram o padre pra dentro do carro e partiram cantando pneu. Eles estavam extasiados jogando dinheiro pra cima, comemorando o sucesso da empreitada. Pe. Romero começou a se sentir desconfortável, coçando o peito e mexendo o quadril no assento do carro.

A felicidade dos bandidos durou pouco, pois dois carros de polícia surgiram atrás deles. Exaltados e gritando palavrões, eles aceleraram o carro e uma intensa perseguição se iniciou. O carro virava várias esquinas, desviava de vários carros e obstáculos, furava sinais de trânsito, quase atropelava várias pessoas. O Pe. Romero estava horrorizado e resolveu fazer o que fazia de melhor: rezar. Nunca antes Pe. Romero rezara com tanto fervor.

O carro saiu da zona urbana e pegou uma estrada saindo da cidade. A velocidade do carro aumentou consideravelmente e a polícia foi ficando para trás. O carro atingiu a velocidade máxima e os assaltantes estavam alucinados. Foi quando, num arroubo de coragem, Pe. Romero se levantou do banco de trás, se inclinou e pegou o volante virando-o de uma vez só. O carro capotou uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes e um silêncio aterrador tomou conta da estrada.

A polícia chegou em alguns minutos. Os bombeiros e as ambulâncias chegaram em meia hora. Os repórteres e a TV chegaram logo depois. Os curiosos um pouco mais tarde. Os corpos foram retirados e levados ao IML e o carro para o ferro velho.

Quando pegaram o corpo do Pe. Romero, os bombeiros viram, os médicos viram, o agente funerário viu, mas ninguém nunca comentou que o Pe. Romero usava lingerie vermelha por debaixo da batina.

APERTO

Ele acordou sobressaltado. Sua respiração acelerada, os olhos arregalados. Ao seu redor tudo escuro. Tentou se acostumar com a escuridão, mas seus olhos se negavam a enxergar. O que o havia despertado? Um pesadelo? Um barulho externo? Ou pior, medo? Colocou as mãos no chão e sentiu a terra esfarelada e fria ao toque dos seus dedos. Não conseguia compreender o que estava acontecendo. Bebera ontem? Qual a última coisa que se lembrava? Com quem estava? Transara noite passada? Tentou se levantar do chão frio, mas sentiu uma leve tontura que o fez ficar ajoelhado com a mão sobre as coxas e a cabeça baixa, tentando ordenar pensamentos enquanto seu corpo tentava acalmar batimentos cardíacos e respiração antes que entrasse em colapso.

Será que era sonâmbulo? Levantou-se cambaleando, sentindo a fraqueza das pernas. Será que fora sequestrado? Drogado? Estuprado? Passou a mão pelo corpo procurando sinais de invasão. Será que tiraram seus rins? Ainda sem enxergar nada, ele esticou as mãos na frente do corpo, tateando o ar enquanto procurava compreender o espaço em que se encontrava. Andou um pouco receoso até bater a mão numa parede de pedra fria e irregular. Passou a mão pela parede de cima a baixo. Trêmulo, começou a percorrer a parede com as mãos descobrindo o lugar. Deparou-se com um canto e logo concluiu que estava num cômodo fechado.

Um desespero genuíno tomou conta dele de forma física e o seu cérebro começou a trabalhar imediatamente. Instinto. Sobrevivência. Tateou as paredes com mais afinco, andando por todo o cômodo. Achou quatro cantos e concluiu que estava num espaço simetricamente quadrado. Esticou as mãos por cima da cabeça a fim de encontrar o teto. Não encontrou. Encostou as costas na parede e andou em linha reta. Um passo. Dois passos. Três. Quatro. Cinco. Cinco passos. Era só isso. Estava num cômodo pequeno, fechado, escuro. Sua claustrofobia, se é que tinha isso, começou a dar seus sinais. O suor escorria pela testa. O peito era como uma bateria de escola de samba. Borboletas no estômago? Não, aquilo parecia um enxame de abelhas. Sentiu o enjoo subindo. A ânsia de vômito o inundou e um jato frio e ruidoso partiu de sua boca. Ficou alguns instantes inclinado sentindo o gosto da bile que saía de seu corpo.

Começou a gritar. Logo, estava chorando. Será que alguém estava o procurando? Alguém sentia sua falta? Não. Sabia que não. Terminara um namoro recentemente. Morava sozinho num flat vazio. Via seus pais uma vez por mês. Talvez seu patrão se incomodasse

com sua falta no serviço. Sim. Essa era a última esperança. Tentou se controlar e começou a chutar a parede tentando espantar seus demônios. Chutou, chutou, chutou até ouvir um estalo de algo se quebrando e sentir seu pé atravessar a parede. Achou um ponto fraco. Ajoelhou-se e começou a arrancar pedaços da madeira que partira com o chute. Logo se revelou um buraco quadrado no qual caberia uma pessoa agachada. Mais ou menos do tamanho de uma caixa de TV.

Tinha pânico de lugares apertados. De ter que se esgueirar por espaços minúsculos, se arrastando ou apertando. Resolveu pensar um pouco. Inspirou fortemente e expirou com vigor. Uma decisão precisava ser tomada. E ele ficou de quatro e começou a engatinhar. Colocou a cabeça dentro do buraco e deu os primeiros passos vacilantes. A escuridão implacável. O ar rarefeito. E ele começou a acelerar até alcançar um ritmo. Correr de quatro era difícil. Doloroso e exaustivo. Alguns minutos devem ter se passado até ele decidir desacelerar. Queria sair dali o mais rápido possível, mas parecia que o corredor era longo, então não adiantaria correr, isso o faria cansar rápido e ter que parar em algum momento. Não queria ficar parado naquele lugar.

Em pânico, percebeu que o lugar começava a ficar menos espaçoso. Seu joelho encostado no chão. Seu ombro no teto. Os antebraços em cada parede. Quis voltar. Mas engatinhar de ré o fazia enlouquecer ou até mesmo desmaiar. Sentia que podia perder a consciência a qualquer instante ou até mesmo vomitar de novo. Não eram boas opções. Engatinhou até um ponto onde não conseguia mais avançar naquela posição. Estava entalado. As paredes opressoras o esmagando pouco a pouco. O que iria fazer? E se não tivesse como sair dali? Não conseguia se mexer, seus membros com câimbra, o ar faltando, seu coração batendo na boca. O único jeito era deitar-se e rastejar. Foi o que fez. E por alguns instantes ganhou espaço para mexer. Mas avançou apenas alguns metros antes de sentir novamente as paredes de pedra oprimindo seu corpo, o esmagando, o forçando contra o chão.

Foi nesse instante que um milagre aconteceu. Um ponto de luz fraquinha surgiu em seu campo de visão. Aquele túnel tinha um fim. E ele estava próximo. Continuou avançando lentamente, rastejando e sentindo o chão, o teto e as paredes se moldando ao redor de seu corpo. A luz foi se tornando mais forte, o fim se aproximando. O túnel ficando mais e mais apertado. Ele não conseguia esticar os joelhos e cotovelos, muito menos o quadril. Os movimentos estavam se extinguindo. Conseguiu ver o fim. Um pátio. Grama. Muita luz. Seus olhos ardiam. Cada milímetro de seu corpo latejando de dor. Ele esticava o corpo como uma minhoca, sem conseguir grandes avanços ou movimentos úteis. Estava entalado. Os braços esticados a frente do corpo prensando suas bochechas. Sentiu um líquido quente jorrar de seus joelhos e do seu quadril. Suas mãos encontraram a beirada da saída do buraco. Num ímpeto

de força e dor conseguiu dar impulso e projetar seu corpo para a frente. Sentiu pontadas nos pulmões e no estômago.

Saiu do buraco como um bebê sai do útero. Ensanguentado e chorando. Deitou-se na grama, exausto, com o coração acelerado, o pulmão buscando ar em arquejos e goles barulhentos. Espasmos percorriam seu corpo. Suas mãos tremulantes. Olhou para o céu nublado. Nuvens formavam figuras na sua mente. Seu corpo foi acalmando, a respiração mais lenta, os batimentos cardíacos espaçados. Os olhos cansados forçando-se para fechar. E pouco a pouco a escuridão foi tomando conta e ele foi perdendo a consciência.

DIÁLOGO IMPLÍCITO

- A janta está pronta, querido - ela disse.

“Vem logo demônio”, ela pensou.

-Está na hora de apreciar o que você cozinhou hoje, querida - ele disse.

“Não aguento mais comer a merda que essa mulher cozinha”, ele pensou.

-Não fiz nada de mais hoje, meu amor - ela disse.

“Contrata uma cozinheira se quiser comer melhor”, ela pensou.

-Como não? Você é uma cozinheira de mão cheia - ele disse.

“Nem cozinhar essa inútil faz direito”, ele pensou.

-Espero que goste - ela disse.

“Espero que morra engasgado”, ela pensou.

-Hummm! Está uma delícia - ele disse.

“Blergh! Que horror!”, ele pensou.

-Meu dia hoje foi superprodutivo - ela disse.

“Estou cansada da minha vida, as horas não passam, eu quero desaparecer”, ela pensou.

-No trabalho foi um pouco cansativo - ele disse.

“Estou exausto de trabalhar para sustentar essa vagabunda”, ele pensou.

-Fiz tanta coisa hoje que estou morrendo de dor de cabeça - ela disse.

“Enfia seu pinto em outro lugar hoje desgraçado”, ela pensou.

-Eu também estou cansado hoje - ele disse.

“Prefiro me masturbar a transar com você, sua bruxa”, ele pensou.

-Amanhã o jardineiro vem - ela disse.

“Amanhã eu transo com o jardineiro”, ela pensou.

-Amanhã vou chegar tarde do serviço - ele disse.

“Amanhã eu transo com a secretária”, ele pensou.

-A conta de luz chegou hoje - ela disse.

“Essa faca está bem afiada” ela pensou

-Eu paguei o aluguel hoje - ele disse.

“Essa faca está bem afiada” ele pensou

-Boa noite, amor - eles disseram.

“Morra, desgraça” eles pensaram.

-SOCORRO!!! - eles gritaram.

“Ai, meu Deus!”, ela pensou.

“Tô perdido!”, ele pensou.

Mais nada disseram.

Mais nada pensaram.

MICRO CONTOS SUICIDAS

Vida triste, mundo cruel. Uma corda pendurada no teto.

Vida triste, mundo cruel. Uma constelação vermelha na parede.

Vida triste, mundo cruel. Pedacos espalhados pelo asfalto.

Vida triste, mundo cruel. Um corte seco na pele pálida.

Vida triste, mundo cruel. Pílulas espalhadas na mesa do bar.

Vida triste, mundo cruel. Tanto faz, não sairei de debaixo das cobertas hoje.

O FUNDO DO MAR

No imensurável da escuridão,
Eu vi teus olhos.

Guiando-me para superfície,
Mil estrelas do mar,
Cintilantes,
De escuro azul profundo.

Uma luz fraca escapava
Das minhas estranhas
E polvos trituravam minha cabeça.

Jamais
Aqueles flores, caindo vagarosas,
Floresceriam ali,
Onde o infinito azul ondulava.

Ele, o peixe, olhou-me,
Abissal.
Bolhas, barulhos.

Ouçã:
São os camarões se alimentando das fezes
Dos maiores.

O oxigênio,
em bolhas, estoura na superfície –
Como a tumba do sonho do pirata.

É o fim.
Escamas podres dançam sobre uma concha.

REMEMBER, REMEMBER, ONE DAY IN DECEMBER.

Por

GUTTO GOMIDE

INT. COZINHA - DIA

A cozinha está vazia e silenciosa. Os primeiros raios de luz da manhã entram no cômodo. De repente, MARION entra na cozinha com uma toalha amarrada em coque na cabeça, um celular e uma bolsa em uma mão e sapatos de salto alto na outra. Ela se dirige à cafeteira.

MARION
(gritando)
Meninos, desçam logo... vocês estão
atrasados pra escola!

Passos correndo escada a baixo e latidos de cachorro são ouvidos. MICHAEL um menino de dez anos, VICTORIA, uma menina de oito anos e BRIAN, um menino de seis anos surgem na cozinha com o labrador ziguezagueando pelos seus pés. Eles se sentam na maior algazarra. Marion coloca os saltos altos enquanto serve o café da manhã para os filhos: cereal e leite. Brian implica com Victoria dando cutucadas na menina.

VICTORIA
Manhê, olha o Brian... Ahhh!!!

Marion afasta a cadeira dos dois com os pés. PHILIP desce as escadas de terno e gravata e na cozinha beija cada filho e a esposa.

PHILIP
Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia!
Bom dia!

MICHAEL
Faltou um beijo e um bom dia pro
Johnny!

Richard senta a mesa e passa a mão na cabeça do cachorro. Marion serve o café da manhã para si e para o marido e se senta bebendo um bom gole de sua xíxara de café.

PHILIP
Quais os planos para hoje?

Philip dá uma boa mordida em sua torrada enquanto olha para a esposa esperando uma resposta. As crianças brincam e conversam e riem enquanto tomam seus cereais.

MARION
Estamos nos preparando para
levarmos o caso para o tribunal no
fim do mês. Então, todos estão na
maior correria e todos tensos.

(CONTINUA...)

PHILIP
Conseguiremos coincidir nossas
férias esse ano?

MARION
Com certeza.

As crianças param de fazer barulho. Marion olha para os filhos e vê Michael com um líquido azul escorrendo pelo nariz.

MARION
Michael!

Marion se levanta assustada e pega o pano de prato coloca no nariz do menino e o faz inclinar a cabeça para trás. As duas outras crianças começam a chorar e Philip tenta confortá-los. Johnny começa a latir.

MARION
Chega! Acalmem-se, está tudo bem.

O menino melhora, todos terminam o café em silêncio. O pai se levanta e beija novamente todo mundo.

PHILIP
Um bom dia para todos vocês. Os
vejo à noite.

MARION
Não esqueça que temos o evento essa
noite.

PHILIP
OK!

O pai sai e a mãe apressa as crianças para irem também.

EXT. GARAGEM - DIA

As crianças entram no carro e Michael deixa Johnny entrar também. Marion se apoia na porta traseira do carro que está aberta e as crianças estão lá dentro com o cão.

MARION
Michael, o Johnny tem que ficar,
você sabe que ele não pode ir pra
escola com vocês.

MICHAEL
Mas ele fica tão triste sozinho.

Marion tira Johnny do carro.

(CONTINUA...)

MICHAEL

Não!

Marion ignora o filho, entra no carro e sai da garagem

INT. CARRO - DIA

Marion dirige enquanto Michael chora sem parar. Pelo retrovisor Marion vê que as lágrimas do filho estão levitando, as gotas subindo acima da cabeça do filho. Quando se vira assustada, não vê nada.

MARION

Pára com essa choradeira!

VICTORIA

(apontando para a frente e
gritando)

Mamãe!

Marion freia o carro bruscamente antes de chocar com outro carro. Abalada, Marion respira fundo.

EXT. PORTA DA ESCOLA - DIA

Marion pára o carro na frente da escola e as crianças saem do carro beijando a mãe. Michael sai sem dar o beijo.

MARION

Crianças, não esqueçam de convidar
seus coleguinhas pra festa de
aniversário do Michael no sábado
viu?

BRIAN

Sim mãe! Tchau!

VICTORIA

Tchau mamãe!

Marion vê as crianças entrando na escola e depois parte com o carro ainda preocupada com Michael.

INT. ESCRITÓRIO - DIA

Marion bebe café num corredor e conversa com JANE, uma colega do serviço.

(CONTINUA...)

MARION

O Michael está muito estranho hoje.
Chorão e até sangrou o nariz.

JANE

Aquele líquido azul né?

MARION

Isso mesmo.

JANE

Aconteceu o mesmo com a Jennifer
hoje.

MARION

Será que tem alguma relação com a
data de hoje?

JANE

Talvez. Espero que não seja nada
grave.

Marion assente e toma seu café pensativa.

INT. ESCOLA - DIA

Michael está colocando seus cadernos dentro do armário, no
corredor. Vários colegas estão por perto. Ele fecha o
armário e olha para um colega. Seus olhos estão amarelos e o
colega grita de susto.

COLEGA 1

Michael é um ET!

Várias crianças se aproximam e começam a implicar com
Michael.

COLEGA 2

Aberração!

COLEGA 3

Monstro!

As crianças começam a empurrar Michael. Michael grita. O seu
grito sai numa frequência anormalmente alta e várias janelas
e vidros se quebram. As crianças colocam as mãos nos
ouvidos, algumas se deitam no chão, outras sangram os
ouvidos, outras desmaiam.

INT. HOSPITAL - DIA

Marion e Michael estão na sala do médico esperando. Michael olha para os pés, Marion olha para as maquetes de órgãos humanos em cima da mesa. O médico entra e se senta na frente dos dois.

MÉDICO

Bem, os exames deram todos bem. Não tem nada de errado com o Michael.

MARION

Mas essas coisas que estão acontecendo hoje não são normais.

O médico se apoia nos cotovelos e se inclina levemente em direção à Marion.

MÉDICO

Bem, nos últimos dez anos evoluímos muito na medicina deles e descobrimos muitas coisas, mas a anatomia deles ainda é um grande mistério para nós.

MARION

Será que tem alguma relação com a data de hoje?

O médico recosta na cadeira se afastando um pouco da mesa.

MÉDICO

Bem, nos últimos anos não aconteceu nada nessa data. Mas realmente você não é a primeira mãe que atendo hoje com as mesmas reclamações.

MARION

Então isso está acontecendo com todas as crianças iguais ao Michael?

Michael começa a levitar e Marion e o médico ficam sem reação. Marion o força a se sentar novamente e olha para o médico que está boquiaberto. Marion bufa e sai da sala de mãos dadas com o menino.

INT. CORREDOR HOSPITAL - DIA

Marion anda apressada e fala ao celular.

MARION

Desmarque todos os meus
compromissos dessa tarde por favor.

Marion entra no elevador com Michael e liga para outro número.

MARION

Philip, é a Marion. Estou indo pra casa com o Michael, ele não está se sentindo bem. Tente chegar mais cedo hoje. Beijo!

As portas do elevador se fecham.

INT. CARRO - DIA

O trânsito está congestionado e Marion está nervosa dentro do carro. Do lado de fora, dá pra ver as preparações do evento da noite. "10 anos da Chegada", "Comemore o presente que recebemos dos céus", "Remember, remember, one day in december", são as frases que aparecem em vários cartazes e outdoors. Michael começa a sussurrar numa língua estranha. Marion o olha pelo retrovisor.

MARION

O que foi Michael?

Michael começa a falar na língua estranha mais alto.

MARION

O que você está dizendo?

Michael fala na língua estranha mais alto e mais rápido.

MARION

Pára com isso Michael!

Michael levanta os braços e fala mais alto e mais rápido na língua estranha. Marion buzina.

MARION

(gritando)
Pára agora!!!!

Michael pára de repente e volta do transe.

(CONTINUA...)

MICHAEL

O que foi mamãe?

Marion põe a mão na boca e começa a chorar.

INT. CASA - DIA

Marion e Michael chegam em casa.

MARION

Sobe para o seu quarto que eu já vou te dar um banho.

Michael sobe as escadas, Marion entra na cozinha, coloca a bolsa sob a bancada, tira os saltos, solta os cabelos, abre a geladeira e pega um copo d'água, bebe e olha para as correspondências em cima da bancada, liga a secretária eletrônica e escuta.

VOZ

Marion, tudo bem? É a Vanessa, mãe do Leonardo da nataçãõ. Está acontecendo umas coisas estranhas com o Leonardo, comportamento estranho e manchas na pele sintética e eu lembrei que ele e o Michael são iguais então resolvi te ligar para perguntar se está tudo bem.

Marion larga as correspondências em cima da bancada da cozinha e sobe as escadas correndo sem ouvir o resto da mensagem.

INT. QUARTO - DIA

Marion chega na porta do quarto de Michael e bate.

MARION

Michael, você está bem?

O menino não responde e Marion entra no quarto escuro. Sobre a cama Marion vê a pele sintética de Michael e a pega amedrontada, chega na porta do banheiro e pára horrorizada com o que vê lá dentro. Michael está com os olhos amarelos, sem ouvidos e nariz, pele azul escamosa e brilhante, sem mãos ou pés, um buraco no lugar da boca e uma cauda grande. Marion grita e sai correndo do quarto deixando a pele sintética cair. Desce as escadas correndo e tropeça no último degrau caindo no carpete de joelhos e chorando. Michael, com a pele sintética de volta abraça a mãe por trás

(CONTINUA...)

caída no chão. Marion se sobressalta e soluça, mas quando percebe que é o Michael de volta ao normal o abraça apertado.

MARION
Meu bebê, meu bebê!

MICHAEL
Desculpa mamãe, desculpa mamãe.

E os dois ficam chorando abraçados no chão.

INT. COZINHA - NOITE

Marion e Philip estão vestidos com traje de gala. Marion ajeita a gravata de Philip.

MARION
O dia hoje foi tão estranho. Estou exausta.

PHILIP
Podemos ficar em casa com as crianças se você quiser.

Marion termina de arrumar a gravata de Philip e o abraça.

MARION
Não. Nós fomos um dos primeiros a abraçar a causa, temos que estar lá.

PHILIP
Você é uma mulher formidável.

Philip beija Marion apaixonadamente. O beijo é interrompido com um som de vômito. Quando se viram, veem Michael vomitando uma gosma verde no chão. Marion se senta exausta, Philip pega o garoto e o leva pra cima.

PHILIP
Não se preocupe garotão, eu vou te limpar.

Marion fica sentada com a mão no queixo olhando a poça de vômito verde no chão.

INT. QUARTO DE MICHAEL - NOITE

Philip coloca Michael na cama para dormir.

PHILIP

Nós te amamos garotão! Você vai
ficar melhor não se preocupe.

MICHAEL

Te amo papai!

Philip beija o filho e lhe dá um ursinho de pelúcia. Philip se levanta apaga a luz e sai do quarto. Michael se vira de lado abraçado ao urso e seus olhos ficam amarelos de novo.

INT. QUARTO - NOITE

Marion coloca Brian e Victoria na cama.

VICTORIA

Eu queria ir na festa com vocês.

MARION

Não vai dar querida, o Michael não
está se sentindo bem. Se ele não
vai, vocês também não vão.

Victoria cruza os braços birrenta.

VICTORIA

Ele nem é meu irmão de verdade.

Marion nervosa, descruza os braços da menina.

MARION

Nunca mais diga isso.

Brian na outra cama se vira.

BRIAN

O Michael vai ficar bem?

Marion vai à cama do filho e o cobre.

MARION

Vai sim. amanhã ele estará melhor.
Bem, durmam bem meus anjos. A babá
estará lá embaixo se precisarem de
algo.

Marion beija os filhos e sai do quarto apagando a luz.

INT. SALA DE EVENTOS - NOITE

Marion e Philipe estão sentados no salão de eventos onde começa a comemoração dos dez anos da Chegada. O mestre de cerimônias sobe num palco e pega o microfone.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

Senhoras e Senhores, boa noite!
Hoje fazem dez anos que uma nave
espacial caiu aqui no nosso planeta
com centenas de bebês alienígenas
dentro.

Slides com fotos do acontecido começam a passar num telão atrás do palco.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

Foi o altruísmo da raça humana e a
superioridade de pessoas de bem
como vocês que evitou que tal fato
se tornasse uma calamidade.

Todos aplaudem, enquanto o mestre de cerimônias anda pelo palco.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

Cada um de vocês aqui hoje adotou
um desses bebês e os criou como
filhos no seio de suas famílias.

Algumas pessoas acenam a cabeça positivamente, outras enxugam uma ou outra lágrima.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

Essa festa hoje é para vocês, para
agradecer vocês pelo ato de
bondade, generosidade e
desprendimento que vocês tiveram há
dez anos atrás. Parabéns a todos!

O mestre de cerimônias levanta uma taça de champanhe brindadndo aos presentes. Todos levantam suas taças, brindam, bebem e conversam animados. Marion troca um olhar cúmplice com Philip e aperta a sua mão. Philip se inclina e beija a esposa.

INT. QUARTO DE MICHAEL - NOITE

Michael se levanta como um sonâmbulo, sai do quarto, desce as escadas, vê a empregada está dormindo no sofá na frente da TV e sai pra rua.

EXT. RUA - NOITE

Na rua dezenas de crinaças marcham como sonâmbulos em direção à montanha. As luzes dos postes tremeluzem e o exército de crinças marcha.

EXT. MONTANHA - NOITE

As crianças chegam na montanha e olham para cima. Uma nave espacial desce dos céus e pousa na frente das crianças. a nave se abre e criaturas altas de pele escamosa e azul brilhante saem das naves. As crianças tiram as peles sintéticas e as criaturas conseguem identificar qual é o filho de cada um. Eles se abraçam e os adultos de mãos dadas às crianças descem a montanha em direção à cidade.